

O BIS

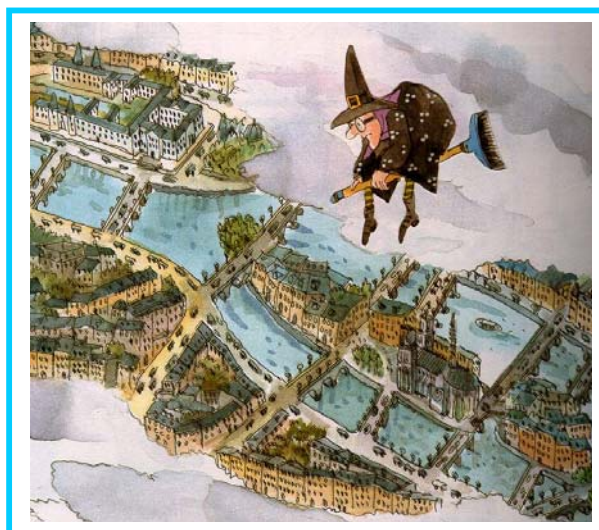
direto de...Paris!!!

Edição AMI - 2001

Janeiro de 2001

Editorial: Iniciamos 2001 ainda preocupados com as crianças, especialmente com as crianças que estão hospitalizando e que apresentam um maior risco para adoecer. Convidamos o colega e amigo, Celso Gutfreind, ex - residente deste serviço, para escrever esta edição. Celso, que atualmente reside em Paris, é poeta, médico geral comunitário e psiquiatra. Tem nove livros publicados, cinco de poesia e quatro de literatura para crianças. A "história" que carinhosamente enviou para este BIS, é a história de alguém que percebe e estuda a importância de ouvir e contar histórias, especialmente às crianças carentes de afeto, como diríamos, "com risco". Assina esta edição: Maria Lucia Lenz.

Da Comunitária à França: uma história profilática e terapêutica desde as origens.



Fui convidado para contar uma história. A história de um médico brasileiro que foi à França e desenvolveu uma técnica de utilização de contos (histórias) no tratamento psiquiátrico de crianças com carência afetiva. Uma história, enfim, de histórias. Mas toda história se abre, se bem contada, como contou aquele italiano, o Umberto Eco (1). É o que tentarei para que esta se abra pelo menos até a sua verdade, que no fundo é muitas. Uma delas, a principal, é que essa minha história é também nossa. Outra verdade, talvez, é que ela conta a história banal de um viajante (meio

chinês) que partiu, andou, andou, andou e, finalmente, chegou ao começo. Como se o trajeto partisse do individual e chegasse no comunitário.

No começo era a Medicina Geral Comunitária. Fiz a residência, entre 1989 e 1990. Não sou de jogar fora as boas lembranças dessa vida. Até hoje voltam (se é que partiram), em sonho e vigília, longas seqüências dos dois anos entre o hospital Conceição e os postos de saúde nas vilas da Grande Porto Alegre. A sensação onírica e real de oferecer-se

como médico inteiro a famílias inteiras. A sensação única e verdadeira de ajudar certinho gente humilde, ainda até mais certinho que o atendimento às famílias ricas, obrigadas seguido a entregar uma perna direita, um braço esquerdo, uma parte pequenina do pescoço a um especialista sem nome, sem vínculo, sem ida à casa da família para viver a sensação de como de fato vivem, bebem, comem, falam, pensam, sentem, e como se chama o seu nem sempre simpático cãozinho.

Teve outra cena, que andei contando por aí (2). O menininho tinha uns seis anos, e a mãe uma necessidade compulsiva de falar. Ela dizia sem nunca parar de dizer que o menino tinha nascido torto, mamado errado, crescido às avessas e mais isso e mais aquilo dessa maldita vida. Quase meia-hora sem freio no verbo (tínhamos tempo nas consultas, ao contrário do ritmo habitual da cidade), extenuado descansei o olhar no janelão da sala que dava para a avenida e o teto do trailer onde o x-galinha seguido era uma delícia, ou pelo menos melhor que mãe se queixando sem parar do filho; depois voltei ao menino, olhei fixamente para ele e:

- Mas diz tu mesmo. Qual é o teu problema?

Ele também estivera olhando o janelão, voltou comigo e falou sem titubear:

- O meu problema é a minha mãe.

Depois da Comunitária, decidi fazer psiquiatria. Os motivos externos eram sempre aqueles, disfarçados: vontade de ajudar o próximo, interesse pela alma alheia, etc. Internamente os mesmos, porém ao avesso e mais autênticos pelo menos no começo, ou seja, uma alma anacrônica de poeta, uma dor encravada sei lá onde, ou sei lá ou quê. Mas se depois vim à França estudar psiquiatria infantil, ah eu devo muito desse rumo ao menino do Conceição. Até hoje, por causa dele, não deixo de dar enorme importância ao contexto do desenvolvimento da criança, botar uma boa pitada de Bowlby e de Winnicott nas leituras de Freud e Mélanie Klein, dar vazão enfim a todos os personagens da história, sem exclusão, guiados pela luz do menino. Um menino é muito sonho por dentro, mas é preciso que a realidade (de fora) ajude esse sonho a sonhar.

Na França, embrenhei-me na pesquisa. Lembro que ao me candidatar para o doutorado, tive de apresentar uma pesquisa

já realizada. Igual ao menino, não hesitei. Mostrei o trabalho em que eu e o Oscar (Dilon Basso), orientados pelo Airton Stein, extenuamo-nos ao longo de tardes e noites a fim de provar que ninguém precisava se extenuar com o exame físico completo exigido nas escolas para prevenir descompassos na educação física. Que aquela energia toda, enfim, poderia ser investida em algo mais eficaz, ou em novas histórias.

A pesquisa na França, como contei no início da viagem desse texto, foi sobre a utilização dos contos no tratamento de crianças separadas de seus pais. Tinha como guia de partida o trabalho clássico de Bruno Bettelheim, *A Psicanálise dos contos de fadas*, que já tinha sistematizado muito bem a importância dos contos no mundo emocional das crianças (3).

Mergulhei, então, na psicanálise e descobri com entusiasmo que o conto se encontra disperso ao longo de toda a obra de Freud, assim como na de seus discípulos como Rank, Ferenczi e mesmo o rompedor Jung.

A França ajudou. Descobri por aqui pesquisas vivíssimas como a de Marie Bonnafé utilizando o conto com bebês e como forma de reintegrar famílias socialmente marginalizadas, na região parisiense (4). E o criativo trabalho de Pierre Lafforgue, em Bordeaux, mostrando alentadores resultados no uso dessas histórias como mediadoras no tratamento de crianças autistas (5).

Fiz formação com os dois, separei-me de minha língua materna, parti com o lobo em francês, depois corri com o projeto aos foyers ou lares onde viviam as crianças separadas de suas famílias.

A técnica que desenvolvi trabalha com grupos, utiliza contos folclóricos, mas também histórias modernas e até canções. O trabalho é feito junto com as educadoras de referência das crianças, nos próprios foyers, à noitinha.

Se disse antes que sou de guardar cenas, aí vai.

Philippe tinha 5 anos. E uma história pesada como a de seus pequenos companheiros de lar. Filho de uma relação incestuosa, abandonado

pela mãe e o pai-avô, expressava-se como podia e era agitado, excitado, agressivo. Mas um dia, no meio de uma de suas estripulias difíceis de conter, largou a seguinte frase: - Eu faço que nem o palhaço.

Ouvimos a frase como uma porta. E entramos. Buscamos, então, a história de Chico, o palhaço que era triste, porque não correspondido em seu amor por Amália, a domadora do circo. A história de Chico acaba bem, Amália finalmente olha Chico e, olhando bem, cai no amor. A história do Philippe continua difícil, mas melhorou um bocadinho. Antes do encontro com o Chico (apresentado com amor pela sua educadora), não conseguia se sentar para fazer um desenho, como previsto no nosso jeito de trabalhar. Depois do Chico, sentou-se e desenhou palhaços de todos os tons e tristezas, tristeza como a do Chico e a sua própria, tristezas a perder de vista, até se sentir menos triste. Se pensamos no psiquiatra Henri Ey, poderíamos dizer que parou de agir como o palhaço, porque foi ajudado a pensar sobre o palhaço, ou sobre os seus próprios sentimentos (6). Mas poderíamos pensar no psicanalista, ator e escritor Eduardo Pavlosvsky e dizer que Chico ajudou Philippe a desenvolver espaços lúdicos (7). Mas poderíamos pensar em Winnicott e dizer que Chico levou Philippe a desenvolver seu espaço potencial (8) embora Bettelheim dissesse que Chico deu um sentido à vida de Philippe (1) e Lafforgue e Guérin jurassem que o que Chico ofereceu foi uma representação para a vivência arcaica de Philippe, ajudando-o enfim a pensar (5 e 9). Não avisei que a história se abria? Sim, tipos como o lobo e a bruxa ajudam mesmo, mas de que forma é outra história, ou muitas histórias possíveis, mil e uma versões tal o bombril da propaganda brasileira ou o olhar míope e próprio de cada um, como já contou Drummond.

Nossa história foi cheia dessas histórias. A custo mas com prazer, sem milagres mas com magia, a psiquiatria que fizemos revelou que o trabalho com os contos (e os contadores) ajudou as crianças a encontrarem representações para o seu sofrimento, bastante marcado pela separação e o abandono; ajudou-as a encontrar um discurso, uma forma de expressão, uma história. "É a minha história", dizia o Philippe, com a história de Chico nas mãos. Essa já ninguém tirava dele. A história que vivemos

ajudou as crianças, enfim, a simbolizar, hoje que boa parte da moderna psiquiatria infantil francesa considera a entrada no mundo da simbolização como a grande saída da doença mental (10).

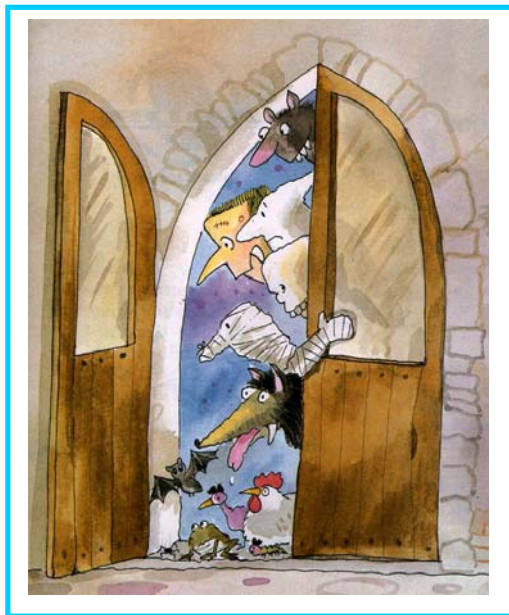
O conto parece ajudar muito nisso. Ao mesmo tempo em que oferece representações de nossos dramas principais (separação, rivalidade, morte) faz isso de forma não ameaçadora, porque aberta, lúdica, artística (11).

As crianças melhoraram. O médico brasileiro, viajante solitário, também. Mas lembram que prometi que a maior verdade dessa história era no final reencontrar o seu começo? Pois lá vai, ou melhor, lá volta.

Mais do que tratar, penso que prevenimos. Quem sabe essas crianças, protegidas agora em seus espaços potenciais, podendo ir e vir no sonho que já conseguem desenhar dentro de si, evitem o rumo triste e delinqüente tantas vezes previsto por contadores como Winnicott ou Holton para crianças com esse tipo de história, marcada pela carência afetiva (12 e 13)... Quem sabe, ao longo do tempo, fio por onde histórias passam, escrevam uma outra história, mais iluminada na trama. Quem sabe possam, em períodos mais frágeis, desses pelos quais todos nós passamos, descansar no espaço interno que criaram, um pouco mais protegidas da doença, e muito mais acompanhadas pelas histórias e pelas suas educadoras, por fora e por dentro...

Mas prevenir e criar ações para investir na saúde comunitária, como vim fazer na França, isso eu aprendi há mais de década, na Comunitária do Conceição.

Há mais de década. E lembro agora do doutor Grossman dizendo uma tarde dessas, hoje guardada na minha lembrança, que se não criássemos, deveríamos pelo menos deixar os outros criarem em paz.



Acho que nossa história fez bem isso. Do outro lado do mundo, meio triste, meio alegre, meio quieto, meio solto, deixei que os ecos da velha Medicina Geral Comunitária criassem novos enredos, ajudados pelos ecos mais velhos ainda da arte de contar histórias, como já o faziam as nossas avós.

Referências

1. ECO U. (1962), *Opera Aperta*, Milan, Bonpiani, trad. franç. par Chantal Roux de Bézieux, *L'oeuvre ouverte*, Paris, Seuil, 1965
2. GUTFREIND C. (2000), O paciente inesquecível, em *Médicos (Pr)escrevem 6 - o cômico e o inesquecível*, organizado por Blau Fabrício de Souza, Fernando Neubarth e Franklin da Cunha e José Eduardo Degrazia, Porto Alegre, AGE/AMRIGS
3. BETTELHEIM B. (1976), *The Uses of Enchantment*, New York, A.Knopf, trad.franç. par Théo Charlier, *Psychanalyse des contes de fées*, Paris, Robert Laffont, 1976
4. BONNAFÉ M. (1994), *Les Livres, c'est bon pour les bébés*, Paris, Calmann-Lévy
5. LAFFORGUE P. (1995), *Petit Poucet deviendra grand - Le travail du conte*, Bordeaux, Mollat Editeur
6. LAPLANCHE J. (1961), *Hölderlin et la question du père*, Paris, PUF (Quadrige), 1984, 4e édition
7. PAVLOVSKY E. (1980), *Espacios y creatividad*, Buenos Aires, Ediciones Busqueda de AYLLY S.R.L. 1990
8. WINNICOTT D.W. (1971), *Playing and reality*, trad.franç. par Claude Monod et J.-B. Pontalis, *Jeu et réalité - L'espace potentiel*, Paris, Gallimard (Connaissance de l'inconscient), 1975
9. GUERIN C. (1984), Le conte comme élément de la fonction conteneur, *Bulletin de Psychologie*, XXXIV, 350, 557-563
10. GOLSE B.; BURSZTEJN C. (1990), *Penser, parler, représenter - émergences chez l'enfant*, Paris, Masson (Médecine et Psychothérapie).
11. MILLS J.C. & CROWLEY R.J. (1986), *Therapeutic Metaphors for Children and the Child Within*, New York, Brunner/Mael, Inc., trad.franç. par Fraga Tomazi, *Métaphores thérapeutiques pour enfants*, Hommes et perspectives, Marseille-Cantini, Desclée de Brouwer, Paris, 1995
12. WINNICOTT D.W. (1956), La tendance antisocial, in: *Collected Papers. Through Paediatrics to Psycho-analysis*, Londres, Tavistock Publications, trad. franç. par Jeannine Kalmanovitch, *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Paris, Payot, 1969
13. HOLTON C.L. (1995), Once upon a Time Served: Therapeutic Application of Fairy Tales within a Correctional Environment, *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 39, 3, 210-221

OBS: As Ilustrações foram compiladas do livro "Bruxa Onilda vai a Paris" Editora Scipione

